

**A Compreensão da Língua na Infância Sob as Perspectivas de Paulo Freire e  
Giorgio Agamben**  
**Understanding Language in Childhood from the Perspectives of Paulo Freire and  
Giorgio Agamben**

Aline Vieira da Silva Ferreira

UFT

Maurício Alves da Silva

UFT

**Resumo:** Este artigo não trata a linguagem apenas como um fenômeno técnico, linguístico e cognitivo, mas como uma experiência humana fundamental, vivida pela criança em sua relação com o mundo, com os outros e consigo mesma, colocando em essência as grandes ideias de Paulo Freire e Giorgio Agamben. Parte-se do princípio de que a linguagem vai além do falar e escrever: ela é o lugar fundamental onde a identidade nasce e onde a consciência se forma. E, por meio dessa linguagem que ela descobre e começa a usar, ela não só existe, mas inicia a sua própria história e sua aventura de experiências no mundo. Observando os contextos dos estudos filosóficos e educacionais, o caráter dinâmico da linguagem como forma emancipatória e motivadora para superar obstáculos limitantes. Paulo Freire fala da pedagogia com um ato de libertação, que o papel mais importante do professor é mediar o conhecimento linguístico através do diálogo respeitando a realidade e o contexto vivenciado. Segundo Giorgio Agamben, é muito mais profundo: o momento em que a criança mergulha na linguagem é o que realmente nos torna humanos no sentido completo. Não é só uma etapa. É condição fundamental para comecem a pensar, raciocinar e formar quem são como pessoas.

**Palavras-chave:** infância; língua; consciência; potência.

**Abstract:** This article does not treat language merely as a technical, linguistic, and cognitive phenomenon, but as a fundamental human experience, lived by the child in their relationship with the world, with others, and with themselves, essentially highlighting the great ideas of Paulo Freire and Giorgio Agamben. The starting point is the principle that language goes beyond speaking and writing: it is the fundamental place where identity is born and where consciousness is formed. And, through this language that a child discovers and begins to use, they not only exist, but begin their own history and their adventure of experiences in the world. Observing the contexts of philosophical and educational studies, the dynamic character of language is seen as an emancipatory and motivating force for overcoming limiting obstacles. Paulo Freire speaks of pedagogy as an act of liberation, where the most important role of the teacher is to mediate linguistic knowledge through dialogue, respecting reality and the lived context. According to Giorgio Agamben, it is much deeper: the moment when the child immerses themselves in language is what truly makes us human in the complete sense. It is not just a stage. It is a fundamental condition for them to begin to think, reason, and form who they are as people.

**Keywords:** childhood; language; consciousness; potential.

**Recebido em 20/10/2025**

**Aprovado em 18/18/2025**

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo propõe a evidenciar o papel fundamental da linguagem não apenas como meio de comunicação, mas como uma instância constitutiva, formadora da experiência e do próprio desenvolvimento da criança. No âmbito pedagógico contemporâneo, entretanto, permanece uma compreensão simplificada da língua como mero sistema de regras ou dispositivo para estimular o desenvolvimento cognitivo. Tal enfoque tem direcionado práticas que, ao priorizar o aspecto técnico, acabam por omitir a profundidade experiencial e existencial da linguagem, aquela que alicerça a formação do sujeito, seus modos de perceber, de imaginar e de habitar o mundo.

### **1.1 DIÁLOGO FILOSÓFICO-PEDAGÓGICO**

A interconexão entre infância e linguagem não é linear, mas sim circular, como aponta Maria Fausta C. Pereira de Castro ao citar Giorgio Agamben. A infância não é apenas o período em que a linguagem é adquirida; a própria linguagem retroage, moldando a concepção do que é ser criança.

Nesse processo, a fala do adulto assume um papel crucial. A aquisição da linguagem se realiza por meio do encontro fundamental da criança com o discurso do outro, o que é vital para a formação do sujeito falante. Retomando a linguística clássica, a língua é vista, segundo Ferdinand de Saussure, como um "tesouro depositado pela prática da fala na comunidade", um acervo social que a criança herda e ativa ao se inserir nesse diálogo.

O estudo da aquisição da linguagem é um campo interdisciplinar, profundamente influenciado por áreas como a filosofia, psicologia e psicanálise. Contudo, muitas abordagens tendem a reduzir a infância a uma mera perspectiva cronológica, negligenciando sua riqueza conceitual.

Contra essa visão reducionista, a reflexão sobre a infância se mostra heurística, atuando como impulsionadora para a produção teórica, especialmente no âmbito da psicanálise. A criança deixa de ser compreendida meramente como objeto de estudo e

passa a ser reconhecida como agente provocador de teoria, capaz de questionar, tensionar e reformular as suposições consolidadas acerca dos processos de aquisição da linguagem e de constituição da subjetividade.

Em Paulo Freire na *Pedagogia da Autonomia*, a língua é a expressão da liberdade e do diálogo, instrumento de conscientização e de transformação. Em Giorgio Agamben na obra *Infância e História*, é potência ontológica, o espaço onde a experiência humana se inaugura. Ambos contribuem para uma visão da infância como o início da vida ética e linguística.

Para renovar e potencializar as práticas pedagógicas contemporâneas, provoca-se um diálogo fecundo entre duas perspectivas filosóficas e educacionais aparentemente distintas, mas intrinsecamente complementares: 1. A Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, que nos convoca a entender a linguagem como práxis, ato de ler o mundo, e instrumento ético-político de conscientização e intervenção transformadora na realidade. 2. A reflexão filosófica de Giorgio Agamben, particularmente sobre os conceitos de linguagem e infância, nos permite acessar a dimensão da língua como pura potência, como o espaço inaugural onde o humano se constitui antes mesmo de ser plenamente sujeito.

## **1.2 O PAPEL ESSENCIAL DA LÍNGUA NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA.**

A formação da criança tem a língua como um lugar central, acompanhando-a desde os primeiros contatos com o mundo e participando ativamente de sua constituição humana e social. Ela não se reduz aos mecanismos cognitivos geralmente associados ao raciocínio e à aprendizagem, nem se limita a uma função técnica ou instrumental. Ao contrário, a língua se apresenta como um espaço de experiência viva, por meio do qual a criança nomeia o mundo, reconhece-se nele e constrói sentidos compartilhados nas relações que estabelece com os outros e com a sociedade. Conforme Sousa, Baldini e Ribeiro (2024):

A relação semiótica entre sistemas enunciar-se-á então como uma relação entre SISTEMA INTERPRETANTE e SISTEMA INTERPRETADO. É aquela que colocaremos, em grande escala, entre os signos da língua e os da sociedade: os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. A língua será então o interpretante da sociedade.

A língua atua como mediadora da vida social, interpretando os signos da sociedade e tornando possível a produção de significados compartilhados.

### **1.3 O OLHAR DE VYGOTSKY: UM LAÇO FORTÍSSIMO ENTRE PENSAR E FALAR**

Essa visão se encaixa perfeitamente no que o grande pensador Lev Vygotsky retrata em seu livro, *Pensamento e Linguagem (1962)*, ele martelava na tecla de que o desenvolvimento da fala e o amadurecimento do pensamento estão ligados por um laço fortíssimo, quase umbilical. E o ponto-chave, o mais importante de tudo: ambos nascem no encontro com o outro, dentro do caldeirão social e histórico que os define. A palavra é, afinal, o legado social que transforma a criança e constitui sua identidade.

Para Vygotsky (1962), a linguagem não é só um jeito de se comunicar; ela é uma poderosa ferramenta intelectual que faz a ponte entre a criança, o mundo e as pessoas que a cercam.

Portanto, aprender a falar e a escrever não é simplesmente colecionar palavras ou decorar regras de gramática. É, acima de tudo, uma questão de convivência, atenção, escuta e presença. A criança só consegue dar sentido ao mundo quando alguém a olha, responde, acolhe ou nomeia junto com ela. Entender essa dinâmica é compreender que a linguagem é, ao mesmo tempo, o motor de desenvolvimento e o verdadeiro território da humanização.

E examinando com esse olhar minucioso, que este trabalho busca debruçar sob as perspectivas das ideias de Paulo Freire e Giorgio Agamben. Objetivando ir muito além da de uma linguagem restrita, técnica e instrumental, centrada apenas na aprendizagem dos códigos linguísticos, como letras, sílabas, sons, regras de correspondência grafofônica e procedimentos mecânicos de leitura e escrita, entender a língua na infância como uma experiência de vida, ética e política. Colocar esses autores em diálogo, junto com as diretrizes educacionais brasileiras e as pesquisas mais atuais, permite uma visão ampla para além do óbvio onde a linguagem atua como a própria condição para a experiência, a cidadania e a liberdade.

Grandes inquietações surgiram, a exemplo: Como os olhares de Freire e Agamben podem ajudar a compreender melhor a noção da linguagem na infância e, mais importante, incentivar a prática pedagógica de forma humana e inovadora? Ao observar essa questão, projeta-se fazer uma análise que interaja filosofia, pedagogia e as

normas da educação, mostrando como esses pontos podem contribuir com o trabalho dos professores e o ensino-aprendizagem das crianças. Evidenciando a importância dos referenciais teóricos em ajudar a (re)inventar a prática em sala de aula, construindo uma educação que seja dialógica, inclusiva e realmente comprometida com a formação integral da criança em um período tão significativo que é a infância.

No Brasil, existem documentos norteadores importantes para o ensino e aprendizagem da criança, sendo um deles de grande relevância chamado: Base Nacional Comum Curricular - BNCC<sup>1</sup>, documento que coloca as práticas de linguagem no centro do desenvolvimento infantil, especialmente no campo de experiências chamado “Escuta, fala, pensamento e imaginação”. As orientações da BNCC enfatizam: a importância do diálogo, da participação ativa e de experiências que façam sentido. Contudo, essa discussão não pode ignorar a realidade.

Além da BNCC, há outro documento orientador importante, o Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025<sup>2</sup> que apresenta dados, informações que desnudam, desmascaram situações muitas vezes omitidas sobre os desafios e as enormes desigualdades que afetam as crianças na escola, um fator que precisa ser considerado quando se trata da linguagem e formação.

A infância, quando vista através do horizonte da linguagem e da experiência humana, ganha um peso novo e crucial no debate educacional de hoje. Paulo Freire, ao resgatar suas próprias lembranças de criança, quando cita em sua obra *Partir da Infância - Diálogos sobre educação* - sua alfabetização, realizada por seus pais à sombra das árvores do quintal da casa onde nasceu em Recife - PE, reflete que ler o mundo vem antes de ler a palavra e que essa leitura é o que dá o pontapé inicial na construção de um sujeito crítico.

Agamben (2014), com sua obra *Infância e História — Destruição da experiência e origem da história* — compartilha um saber filosófico interessante ao

---

<sup>1</sup> A BNCC é um documento normativo que discrimina as aprendizagens importantes que os estudantes devem receber durante a educação básica. É utilizado para a educação escolar tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

<sup>2</sup> O Anuário Brasileiro da Educação Básica é uma publicação anual que reúne os principais dados e indicadores sobre o cenário educacional do Brasil, como acesso, aprendizagem, infraestrutura escolar, financiamento e formação de professores. O objetivo é ser uma ferramenta de consulta para gestores públicos, pesquisadores e jornalistas, auxiliando no fortalecimento de políticas públicas e no debate sobre o direito à educação de qualidade.

argumentar que a infância não constitui apenas uma fase da vida, mas uma condição existencial que é fundamental para a revelação do sujeito por meio da linguagem. Dessa forma, as reflexões do autor aumentam a percepção sobre o poder formativo dessa etapa.

Ao aproximar Freire, Agamben, a BNCC e os dados do Anuário, temos a seguinte percepção: torna-se evidente que a criança é o núcleo dos processos educativos. Não se trata apenas de organizá-la em etapas, habilidades ou indicadores: trata-se de reconhecê-la como sujeito de desejo, curiosidade e potência. E a linguagem *Experimentum linguae*<sup>3</sup>? É um mero instrumento de ensino. É o pilar da experiência, a base para a participação social, o exercício da autonomia e a construção de uma sociedade mais justa para todos.

## 2. A LINGUAGEM COMO PRÁTICA VIVA, CRÍTICA E CRIADORA POR PAULO FREIRE

No livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire defende que ensinar exige rigorosidade ética, respeito à dignidade do educando e abertura ao diálogo, elementos que só se realizam plenamente quando a linguagem é concebida como prática viva, crítica e criadora. Nessa perspectiva, falar, escutar e pensar não são atos neutros, mas movimentos de participação ativa na construção de si e do mundo. Humanizar, portanto, implica possibilitar que cada sujeito acesse a palavra, nela se reconheça e por ela se torne capaz de intervir na realidade de maneira consciente e transformadora, observe-se:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a produção ou construção do saber. Essa produção, no entanto, se dá por meio da palavra, do diálogo e da escuta, pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 1996, p. 68).

O mestre Paulo Freire ensina valores interessantes: a linguagem não é neutra; ela está totalmente ligada à ética, ao jeito de ser e, principalmente, ao afeto! Ato de educar, para Freire, é um ato de humanização. Este processo implica necessariamente possibilitar que cada sujeito acesse a palavra, não apenas a palavra falada, mas a palavra enquanto significado e poder. Ao se apropriar da linguagem: 1. O sujeito nela se

---

<sup>3</sup> Experimentum linguae (lat.) “experimento linguístico, da língua”.

reconhece (adquire consciência de si e de sua condição); 2. Por ela se torna capaz de intervir na realidade de maneira consciente e transformadora (práxis).

Em síntese, Freire nos convida a entender que a autonomia e a emancipação do educando estão intrinsecamente ligadas à sua capacidade de usar a palavra para ler e reescrever o mundo.

Quando isso é percebido, a pedagogia do falar, torna-se uma pedagogia da liberdade. Deixando de ser somente o ler e escrever para ser um convite irresistível a autonomia, a sensibilidade humana e a transformação do seu próprio contexto e inevitavelmente a do coletivo. É uma forma de educar libertadora!

### 3. INFÂNCIA, EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM POR GIORGIO AGAMBEN

Ao refletir sobre a infância, Agamben (2005)<sup>4</sup>, apoiado nos estudos de Benveniste sobre as pessoas no discurso rompe com a ideia tradicional de que ela é apenas uma etapa sequencial do desenvolvimento humano. Para o filósofo, a infância é o período no qual o indivíduo interage com a linguagem anteriormente ao seu domínio técnico. A etimologia do termo infância do latim *infantia*, “aquele que ainda não fala” é reinterpretada por Agamben como potência e não como falta.

Em *Infância e História*, o autor afirma que “o homem é aquele que tem a infância, isto é, aquele que se separa e se relaciona com a linguagem”. Isso significa que a experiência da língua antecede o domínio racional ou técnico da fala. A criança, ao balbuciar, brincar e nomear, inaugura a própria condição humana de dizer o mundo. A infância, portanto, é o lugar da experiência originária, onde o sujeito se torna um ser de linguagem.

Como infância do homem, a experiência é a simples diferença entre humano e linguístico, que o homem não seja sempre já falante, que tenha sido e seja ainda in-fante, isto é a experiência (Agamben, 2014).

Ao considerar sobre esta articulação, Agamben leva a olhar para o que frequentemente não está à vista: os próprios limites da experiência humana quanto a linguagem. Com delicadeza e precisão, ele pergunta em sua obra: “Mas o que pode ser uma tal experiência? Como é possível ter experiência não de um objeto, mas da própria linguagem? E, quando a linguagem não é desta ou daquela proposição significativa, mas

---

<sup>4</sup> O livro *Infância e História*, de Giorgio Agamben, foi publicado no Brasil em 2005, embora tenha sido publicado originalmente na Itália em 1979. A obra, que não é estritamente sobre a infância como fase da vida, mas sim sobre a relação entre linguagem e experiência, ganhou destaque no país após sua publicação em português.

do puro fato de que se fale, de que haja linguagem? ” (Agamben, 2014). Essas questões mostram, enfim, que, ao questionar a infância, a proposta do autor não é falar de uma fase da vida, mas de um lugar privilegiado a partir do qual o homem sempre se defronta com o acontecimento inaugural da linguagem. Ou seja, sem as marcas de abertura ao mundo e da descoberta do que ele traz, não importa a idade que tenha, seria impossível acreditar na formação humana como uma experiência ética, sensível e atrelada à forma como habita a linguagem.

Agamben (2014) também destaca que a linguagem é o que torna o humano capaz de experiência e de ética. Ao entrar na linguagem, o homem passa a existir no campo do simbólico e do relacional. A língua não é apenas um sistema de signos, mas o próprio acontecimento do humano. Assim, compreender as noções da língua na infância é compreender o início da experiência ética, estética e política do sujeito.

#### **4. INFÂNCIA E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

Ao aproximar Freire e Agamben, é possível perceber uma convergência entre a linguagem como libertação e a linguagem como potência. Freire vê como ação transformadora; Agamben, como condição de existência. Ambos, porém, compreendem a infância como o tempo da possibilidade e da descoberta, o início de toda experiência de sentido.

Na Educação Infantil, esse entendimento tem implicações diretas. Segundo a BNCC, as práticas pedagógicas devem assegurar à criança o direito de se expressar, escutar, criar e imaginar (BRASIL, 2018). O campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação” evidencia que a língua é o eixo pelo qual a criança constrói significados sobre si e sobre o mundo. Assim, o educador torna-se mediador dessa experiência, oferecendo contextos ricos de linguagem, seja pela oralidade, pela literatura ou pelo diálogo cotidiano.

O educador freireano é aquele que escuta e fala com o outro, não sobre o outro. É nesse movimento de diálogo que a criança se constitui como sujeito de linguagem. De modo complementar, a visão agambeniana convida o professor a reconhecer a infância não como ausência, mas como potência: a possibilidade sempre renovada de habitar o mundo pela palavra.

Nesse sentido, as práticas de leitura, contação de histórias, dramatizações e brincadeiras linguísticas não devem ser vistas apenas como atividades didáticas, mas

como experiências de encontro com a linguagem. A língua, para a criança, é o território da descoberta e da liberdade. Por isso, a educação linguística deve ser ética, estética e política, porque respeita a voz da criança; estética, porque celebra o dizer; política, porque reconhece o poder da palavra na construção do sujeito.

## **5. A PALAVRA, O BRINCAR E O DIÁLOGO: PRÁTICAS HUMANIZADORAS NA INFÂNCIA**

Brincar é, para a criança, uma das formas mais genuínas de se expressar. É nesse movimento espontâneo que ela descobre o mundo, imagina possibilidades, testa hipóteses e experimenta sons, gestos e sentimentos. Como lembra Freire (1996), conhecer está profundamente ligado à curiosidade e à imaginação. Por isso, quando a criança brinca com as palavras, ela não só cria sentidos, mas também se apropria da língua como um espaço de liberdade. Nesse contexto, o trabalho do professor precisa unir o diálogo defendido por Freire e a compreensão de infância proposta por Agamben.

Quando o educador reconhece a palavra da criança como legítima, ele contribui para que ela desenvolva uma postura crítica, sensível e confiante. A língua, enquanto prática social, passa a ser um território onde há escuta, respeito e possibilidade de criação.

No cenário brasileiro atual, o Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025 evidencia desafios importantes no desenvolvimento da linguagem e no processo de alfabetização, principalmente nos primeiros anos da escola. As desigualdades regionais e socioeconômicas tornam esse percurso ainda mais complexo. Diante disso, o olhar humanizador de Freire e Agamben reforça a urgência de políticas e práticas educativas que garantam às crianças o direito à palavra e, portanto, o direito de existir plenamente.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões apresentadas ao longo deste artigo permitem compreender que as noções da língua na infância vão além da aquisição formal da fala ou da escrita. Elas dizem respeito à constituição do sujeito como ser de linguagem, que se reconhece e se projeta no mundo por meio da palavra.

A escola, nesse contexto, é o lugar privilegiado onde a palavra se faz escuta, diálogo e criação. Promover a linguagem na infância é, portanto, promover a

humanização. A tarefa do educador é cuidar para que cada criança descubra, na palavra, o poder de existir.

Somos convidados a um olhar mais profundo e afetuoso sobre a linguagem na infância. Percebe-se que as noções de língua vão muito além de regras gramaticais ou do simples aprender a ler e escrever, elas tocam o coração da humanidade.

Neste encontro de ideias, fica evidente o compromisso inadiável na educação. A escola e os educadores têm o privilégio e a responsabilidade de ser o guardião da palavra.

Os desafios reais não podem ser ignorados e as desigualdades (tão bem apontadas pelo Anuário Brasileiro da Educação Básica) que tentam silenciar as vozes mais vulneráveis. É por isso que esse trabalho precisa ser um acolhimento transformador.

Que a sala de aula seja um lugar onde o professor escuta com a alma, valorizando a bagagem de vida e a forma única de falar de cada criança, que tenha um diálogo genuíno, que o ensino da língua seja uma conversa de mão dupla, onde o saber é construído junto, em comunhão, e não transferido de cima para baixo e que aconteça a celebração do Brincar, onde o brincar e o imaginar sejam vistos como as experiências mais ricas de linguagem, e a criança crie sentidos e se aproprie do mundo com liberdade.

Em suma, promover a linguagem na infância é o ato mais profundo de humanização. É garantir a cada criança o direito de existir plenamente, de se expressar, de criar laços, de se tornar sujeito crítico e sensível. A palavra é o maior presente, o território de liberdade e a esperança de um futuro mais justo. Que não caia no esquecimento o poder de oferecer a palavra como um abraço que motiva e liberta.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: O arquivo e o testemunho*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CASTRO, Maria Fausta C. P. **Questões sobre a infância e a fala da criança na teorização sobre aquisição da linguagem**. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 63-76, 2ª parte, 2011.

FREIRE, Paulo. *Partir da Infância: diálogos sobre educação*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MEDEIROS, Vanise; ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva (Org. e Apres.). *Na movência dos conceitos*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025*. [S. l.]: Todos Pela Educação, 2025. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/anuario-brasileiro-da-educacao-basica-2025/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.